

Rio de Janeiro — Domingo, 5 de setembro de 1983

Tons da mais nova bandeira

A grande semana contra a fome e a miséria, que começa no 7 de Setembro, ganha o colorido especial dos artistas plásticos

DENISE MORAES

PROMETE ser um enorme arrastão. Mas do tipo que promove saltos beneficentes. Cerca de 500 artistas (atores, dramaturgos, pintores, cartunistas, escritores etc) vão invadir a cidade num movimento que até mesmo os maiores expoentes da cultura carioca estão considerando inédito. Na *Semana da arte contra a miséria e pela vida*, de 7 a 14 de setembro, ruas, teatros, cinemas, museus e shoppings serão tomados por atividades que vão engrossar a campanha inaugurada no início do ano pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. A programação da Semana não pára de crescer. Mergulhados até o pescoço na campanha e produzindo como nunca, a classe artística conta com um apoio indispensável para a alegria da festa: o dos artistas plásticos. São eles que vão abrir a Semana e preparar a cidade para a campanha.

Já na manhã do feriado desta terça, dia 7, cem artistas vão se encontrar na Escola de Artes Visuais, no Parque Lage. Durante todo o dia, eles estarão reunidos ali numa vigília de solidariedade aos que sofrem com a fome. Depois de um culto ecumênico, às 10h, está programado um debate com o superintendente da Sudene, Cássio Cunha Lima, mediado pela atriz Scarlet Moon, e projeção do multivisão (slides em vídeo) com fotografias sobre o tema. Além dos fotógrafos, 90 artistas plásticos vão estar expondo obras feitas especialmente para a Semana. Uma mostra que vai reunir trabalhos de Pedro Pellegrino, Lia do Rio, Ana Durrães, enfim, uma turma enorme, e todas as técnicas possíveis.

O pintor Xico Chaves, por exemplo, preparou uma abstração nas cores da

terra que lembram um meteoro — uma simbologia ligada ao conceito da "corrosão causada pela fome". Nisete Sampaio, que também coordena a exposição, pintou um osso exposto embaixo de uma faca empurrando a Bandeira Nacional. "É o Brasil escarnado, é como se nós estivéssemos assim: sem carne e sem pele", diz ela, empolgada com a campanha. "Os artistas são visionários e arte não pode andar desvinculada dos acontecimentos sociais", propõe num discurso que no momento anda de boca em boca.

Não pensa diferente a atriz Cláudia Abreu, que participou da elaboração do livro *A voz da fome* (leia mais na pág. 2). Mesmo sem nunca ter se engajado em atividades políticas e tendo "medo da arte panfletária", ela não titubeou em participar da campanha: "Aderi totalmente. Em relação a esse movimento, não tenho nenhuma dúvida".

Nem ela, nem ninguém. E esse é o grande achado da campanha. "A fome é uma indignidade sem par. Essa é uma bandeira unânime", aponta o diretor teatral Domingos de Oliveira,

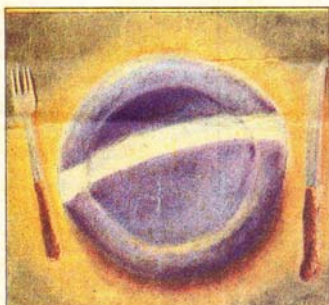
explicando o motivo de tanta movimentação. "A arte sempre foi engajada. Mas não me lembro de ter participado de nada parecido, assim tão forte", corrobora o cartunista Ziraldo, um artista com fome de transformar o Brasil "numa coisa palatável, gostosa". Igual a um sorvete de chocolate — a imagem que ele criou no mapa do país para responder à pergunta *Você tem fome de quê?*. Este é o título da exposição de artes gráficas que estará em cartaz no Museu da República de 8 a 25 de setembro. Outros 53 artistas responderam visualmente a mesma pergunta e o resultado são 48 trabalhos originais. Como a bandeira estilizada criada por Aliedo, onde o azul virou um prato vazio, sem ordem, sem progresso, sem nada. Mas com dois talheres esperando que algum recheio apareça por ali.

■ Continua na página 2

Ismar Ingber



No Parque Lage, o protesto dos artistas; no Museu da República, o trabalho de Ziraldo é um dos destaques



A bandeira e a fome no traço de Aliedo